

O Direito à Leitura

*Renato Beluche*¹

Resenha de: PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.²

O livro *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, da antropóloga francesa Michèle Petit, é resultado de suas pesquisas a respeito da importância da leitura em lugares em crise e, dentre esses locais, o Brasil.

Petit é pesquisadora do Laboratório de Dinâmicas Sociais e Recomposição dos Espaços do Centre National de La Recherche Scientifique, na França. Ela coordena estudos sobre: leitura na zona rural francesa, o papel das bibliotecas públicas na luta contra os processos de exclusão e segregação e sobre a leitura em espaços de crise. Desde 1998 viajou com frequência para a América Latina, compartilhando com diversos mediadores culturais (bibliotecários, professores, psicólogos, artistas, eruditos, editores, livreiros, trabalhadores sociais ou humanitários) as experiências de leitura com crianças e adultos expostos a situações de crise (guerra, guerrilha, abandono etc).

Levando em conta a pouca tradição nacional de leitura (observada em pesquisas, como *Retratos da leitura no Brasil*)³ e amparado por minha experiência acadêmica (como aluno e professor) quis logo saber onde estão esses leitores para os quais a literatura é tão significativa.

A amostra dos dados é focada nos programas destinados à leitura na América

¹ Graduado em História (UNESP), Mestre em Ciências Sociais (UFSCar). Participa do Grupo de pesquisa (CNPq) Corpo, Identidades e Subjetivações na UFSCar.

² Publicado em dezembro de 2009.

³ Segundo a pesquisa, o número de não leitores no Brasil (é considerado leitor quem leu ao menos um livro nos últimos 3 meses anteriores a pesquisa) é de 77,1 milhões de pessoas (incluído aí os 6 milhões que declararam terem lido nos meses anteriores ou em suportes outros que não o livro). Se pensarmos nos leitores e excluirmos os livros lidos por exigência escolar a população lê, em média, 1,3 livros por ano. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48> acesso em: 29 mar 2010.

Latina. Da pesquisa desses programas e da síntese dos encontros realizados em vários países, principalmente na Argentina e Colômbia, nasceu *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Seu método de análise consiste na observação dos programas de incentivo à leitura, além de entrevistas com o público e os mediadores dessas ações.

O livro é dividido em oito capítulos. O primeiro, *tudo começa por uma recepção*, analisa os primeiros passos na aventura da leitura; o segundo, *saltar para o outro lado*, investiga como a leitura auxilia a criar um espaço de subjetivação, construir o lugar do “Outro”. O capítulo seguinte, *a simbolização e a narrativa*, demonstra que o contato e a narração, tanto do ponto de vista individual e social, são dois elementos essenciais para superar contextos de crise. *Outras socialidades*, quarto capítulo, destaca que as experiências literárias contribuem para a formação de uma sensibilidade e uma educação sentimental mais refinada, ajudando a conter a pulsão destruidora própria de contextos em crise.

No quinto capítulo, *quais leituras?* a autora promove uma discussão acerca da escolha dos textos, defende um ecletismo de estilo e gênero, embora destaque a importância de utilizar textos “exigentes”. O penúltimo, *ler, escrever, desenhar, dançar*, Petit trabalha com a idéia de como a arte nos permite criar uma metáfora sobre o trauma que, conseqüentemente, ajuda no apaziguamento e na vitalidade, além de criar um sentimento de continuidade que permite

instalar uma ordem ao que está desorganizado. O sétimo capítulo, *leitura e exílio*, reflete sobre a experiência no exílio e como, para os exilados, a leitura pode possibilitar elaborar vínculos com a sua história e ultrapassar suas fronteiras. Por fim, em *a escola e biblioteca na linha de frente*, a autora aborda as relações entre a aprendizagem formal e leitura, analisando, entre outras coisas, o papel da biblioteca.

Suas análises nos levam a repensar o papel da leitura não apenas como aquisição de conhecimentos, mas principalmente como conquista de um direito fundamental na experiência humana. Antonio Candido,⁴ em seu célebre ensaio *O direito à literatura*, reflete sobre a relação entre os direitos humanos e a literatura e nos diz: “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. Direito esse que só pode ser compreendido se pensarmos na complexa função do ler, segundo Michèle,

a leitura é uma atividade muito complexa, que não poderia ser reduzida a um aspecto (...) muitos leitores se dedicam na realidade a uma atividade vital, mesmo que não estejam sempre conscientes disso. O que não os impede também encontrar prazer, distração, informações, assuntos de conversa, algumas vezes

⁴ Candido, Antonio. *Vários escritos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 191.

idéias que apurem seu espírito crítico (p. 182-3).

Roger Chartier,⁵ em debate com Pierre Bourdieu, diz que: “as leituras são sempre plurais, são elas que constroem de maneira diferente o sentido dos textos, mesmo se esses textos inscrevem no interior de si mesmos o sentido de que desejariam ver-se atribuídos”. Para a autora, a apropriação da leitura é singular, vai além do que chamam os eruditos de leitura, ultrapassa a exegese do texto, desviando-se muitas vezes do texto lido, encontra-se no domínio das “artes do fazer” de Michel de Certeau. Segundo o historiador francês, Foucault substituiu a análise dos aparelhos de poder pelos dispositivos (disciplinas) que “vampirizam” as instituições e reorganizam seu funcionamento. Certeau,⁶ se propõe a estudar, justamente o contrário dessas disciplinas, ou seja, as resistências (ou anti-disciplinas) ou como à sociedade, muitas vezes, se opõe à rede disciplinar. Para ele, as “maneiras de fazer” são a contra partida da disciplina.

A leitura auxilia na (re)organização de sujeitos em crise. Petit faz questão de deixar claro que essas experiências não são o que se convencionou chamar de biblioterapia, ou seja, a leitura como suplemento terapêutico, a cura medicinal

ou psiquiátrica. A função terapêutica das experiências não é o escopo do trabalho dos mediadores de leituras, embora, na maior parte dos casos, ele apareça de forma discreta. Sem subestimar outras intervenções possíveis, ela destaca que, os trabalhos acompanhados em suas pesquisas estão inseridos antes no âmbito da ação cultural e política que no assistencial (p. 27-28).

A leitura ajuda na reconstrução de si mesmo em um ambiente de devastação seja por guerra, exílio ou outra experiência traumática. Essas pessoas, não raro, se sentem sós e deslocadas, o medo impera, a dificuldade em se relacionar, aprender e recomeçar é geral. O conceito de “espaço transicional” é fundamental para entender como a prática da leitura pode ajudar, explico: um dos primeiros medos da criança, medo pré-humano, está relacionado à solidão e à escuridão. A superação desse estado na criança é realizada por um gesto conceituado de “espaço transicional”. Essa economia dos gestos abre um espaço de interação entre a criança e a mãe na qual a criança vai se estabelecendo como sujeito. Nessa região calma, a criança se apropria de algo (canção, brinquedo), distancia-se, explora e retorna novamente. Essas idas e vindas constrói sua subjetividade, sua capacidade de ficar só e o raciocínio independente. De modo análogo, a literatura auxilia na (re)criação desse espaço perdido e que em seu lugar sobrou apenas o medo e o desconcerto.

A leitura permite escapar e se en-

⁵ CHARTIER, Roger (org). *Práticas da leitura*. 2º. ed. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 242.

⁶ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 16º. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 40.

contrar, experimentar uma permanência onde não há; abrir espaço e suportar o confinamento diário, talvez por isso, como nos questiona a autora, lemos tanto nos transportes, segundo suas palavras: “os livros lidos são moradas emprestadas onde é possível se sentir protegido e sonhar com outros futuros, elaborar uma distância, mudar de ponto de vista” (p. 284).

A chave de como a leitura ajuda a superar traumas está em outro conceito: o “romance familiar”. Segundo Freud, o romance familiar consiste numa dinâmica de criação de um mundo forjado, devaneios os mais variados para superar a decepção com seus pais e, posteriormente, com outros traumas. Essa ficção do romance familiar, assim como a literatura, possibilita não ir de encontro com o trauma, mas contorná-lo e depois voltar e superá-lo, aceitar suas condições (as limitações dos pais ou outro trauma qualquer). Contribui para o aprendizado das leis humanas. Sobre a importância do devaneio Nelson Schapochnik⁷ deixou-nos uma imagem interessante ao retratar uma “experiência” na Biblioteca Nacional em que seu olhar cruza com a de um leitor sentado que diz:

Não se espante de ver meu olhar frequentemente errante. Com efeito, esse é meu modo de ler, somente desse modo minha leitura é proveitosa. Quando um

livro realmente me interessa, mal chego a percorrer algumas linhas. Não é por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de idéias, excitações e associações que me afastam do livro para depois a ele voltar e prosseguir.

Ao realizar a função de escapar e encontrar-se, a literatura abre o lugar do “Outro”. Não altera apenas o conhecimento de si, vai além, permite uma mudança de ponto de vista, um encontro com a alteridade e uma educação dos sentidos (p. 110). A literatura ajuda a criar uma narrativa de si mesmo, ultrapassar o lamento de vítima e buscar alternativas de vida. É claro, salienta Petit, a leitura por si só não basta, precisamos de vínculos sociais, amor, amizade, outras práticas culturais, e por vezes, de profissionais da escuta (p. 115). As crises afrouxam os laços sociais. Já os mediadores, ao conceder atenção, ajudam na recuperação dos vínculos (p. 141).

Para Michèle Petit, o trauma compromete o olhar, o sonhar. Segundo a autora, Sherazade é a prova de que esse olhar pode ser curado por meio da literatura. O que a rainha persa fez foi, por intermédio de uma história, permitir a reintrodução do tempo, restaurando uma capacidade de diferenciação. O rei traumatizado com a traição de sua esposa desvincula-se dessa imagem inesquecível por meio da história contada (novos sonhos, novas possibilidades, nova realidade). E isso é o que fazem os mediadores de leitura (p. 101-102).

Por fim, a relação com a leitura não deve ser fundada somente nas perspec-

⁷ Schapochnik, Nelson. As ficções do arquivo: ordem dos livros e práticas de leitura na biblioteca pública da corte imperial. In: ABREU, Márcia (org). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado da Letras; São Paulo: ALB/FAPESP, 1999. p. 275.

tivas utilitaristas da instrução (aprender para melhorar economicamente na vida). Nesta perspectiva, a leitura é um recurso simbólico que nos permite equilibrar nossos medos e desconcertos, nos abrir para o “Outro”, conviver com as diferenças, além de contribuir para a formação de uma sensibilidade, uma educação sentimental que nos auxilia na modificação de nosso comportamento no sentido de uma regulação da violência, de um controle de si mesmo e de suas pulsões e de uma valorização da interioridade (p. 165-6). Visto sob esse prisma, começamos a vislumbrar porque a literatura é um direito fundamental e, nas palavras de Antonio Candido, inalienável.

SCHAPOCHNIK, Nelson. As ficções do arquivo: ordem dos livros e práticas de leitura na biblioteca pública da corte imperial. In: ABREU, Márcia (org). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado da Letras; São Paulo: ALB/FA-PESP, 1999.

Submetido em: 15 de Julho de 2010

Aprovado em: 8 de Setembro, 2010

Bibliografia

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 16^a. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger (org). *Práticas da leitura*. 2^a. ed. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

